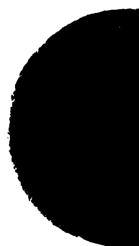
Centro de Estudos Bahianos

ISA MARIA DRUMMOND SIMÕES

TRÊS FIGURAS LITERÁRIAS DA BAHIA



PUBLICAÇÃO

SALVADOR - BAHIA

31 DE AGOSTO DE 1971

AFONSO RUY DE SOUZA

Na página inicial dêste trabalho, quando o Centro de Estudos Baianos reinicia suas publicações, graças à ajuda financeira da Casa Forte S/A, uma palavra de saudade e de reconhecimento torna-se necessária e oportuna. Consignamos aqui, num preito de justiça, nossa homenagem à memória de Afonso Ruy de Souza, que, durante muitos anos, exerceu, com dedicação e eficiência, as funções de Secretário do Centro, conseguindo publicar e divulgar 66 monografias do maior interêsse para o conhecimento da formação baiana, estudada em diversos dos seus aspectos por ilustres pesquisadores nacionais e estrangeiros.

Desaparecido a 27 de julho de 1970, em plena atividade intelectual, Afonso Ruy deixou, no campo do teatro e da história, obra de indiscutível valor, cumprindo destacar a **Primeira Revolução Social no Brasil**, a **Coluna Prestes**, **História Administrativa da Cidade do Salvador**, **História da Câmara Municipal de Salvador**, **História do Teatro na Bahia**, **Dossier de Labatut**, **Correspondência Íntima de Ruy Barbosa**, ensaios de real significação para o estudo do nosso passado. Tendo desempenhado vários e importantes cargos públicos, lecionado na Faculdade de Filosofia da Universidade Católica de Salvador, Afonso Ruy de Souza possuia reais qualidades de administrador e sabia exercitar, com entusiasmo, as tarefas que lhe eram confiadas. Era um animador e um realizador.

Três figuras literárias da Bahia

Trabalho semestral da disciplina Sociologia da Vida Intelectual da Bahia (1900 a 1930) do Curso de Mestrado da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA.

1. A vida intelectual baiana de 1900 a 1930.

1.1. O seu significado

Diz Almachio Diniz, em **A Cultura Literária da Bahia contemporânea**, que, com a República "(. . .) a capital do país passou a ser a sede, a fonte, a origem, o berço de tôdas as manifestações estéticas do Brasil", mas que "ainda assim, a Bahia que fulgurou muito no primeiro período (colonial), que triunfou, por vezes, no segundo (imperial), não perdeu a sua notoriedade no terceiro (republicano), que é positiva (. . .)" 1. Não se discutirão as suas afirmações sôbre os períodos colonial e imperial que ultrapassam o aqui focalizado, embora fiquem assinaladas as restrições que se fazem a êste tipo de periodização de bases simplesmente políticas. Quanto àquelas que se referem ao terceiro período citado por Almachio Diniz, algumas considerações devem ser acrescentadas. Que o Rio de Janeiro era o centro intelectual, e não apenas estético, do país, no período assinalado por êste autor, não resta dúvida alguma, com o que não se concorda, principalmente em se tratando de vida literária, é que o predomínio da então capital tenha se consolidado apenas a partir da República. A êste respeito é muito mais de se considerar a observação de Alexandre Passos, de 1941, segundo a qual "O Rio de Janeiro, centro da literatura nacional, há mais de oitenta anos, atrai os homens de letras, os quais são também forçados a abandonar a província em consequência da luta eco-

---

1) Almachio Diniz. A Cultura Literária da Bahia Contemporânea, pág. 6. Os parênteses foram acrescentados.

nômica e da ambição de renome". [2] E, quanto à notoriedade da vida intelectual baiana, apesar de o autor a ter declarado em 1911, a declaração é válida para todo o período de 1900 a 1930 e é corroborada pelas palavras de Alexandre Passos, que, depois de historiar as letras baianas de 1900 a 1940, conclui: "Como se viu, os oito lustros dêste século não foram ineficazes no que se refere à vida intelectual na Bahia, sem contar com as instituições de ensino de todos os graus, e onde se vão encontrar excelentes representantes da cultura, especiallizada ou não."[3]

1.2. Os estabelecimentos de ensino

Até aqui, tomando por base depoimentos sôbre a vida literária baiana, que incluem, pelo menos em parte, o período de 1900 a 1930, pretendeu-se demonstrar a existência de uma vida intelectual atuante na Bahia de então. Mas, como fica patente das palavras de Alexandre Passos, a vida intelectual não se resume às letras. Muitas outras manifestações de cultura, principalmente ligadas às instituições de ensino, se concretizaram.

A Bahia do início dêste século já possuía uma longa tradição escolar. Sem que seja necessário retornar ao antigo Colégio dos Jesuítas, que iniciou esta tradição no século XVI, convém que sejam lembradas as escolas de vários níveis de aprendizado que marcaram sua presença na época, como, para os cursos secundários, o Ginásio da Bahia e a Escola Normal, onde se formaram ou exerceram o magistério muitas figuras da intelectualidade, e as institutições de ensino superior como a Faculdade de Medicina, a Escola de Belas Artes, a Faculdade de Direito, a Escola Politécnica e a Escola Comercial (que numa das modalidades de seus cursos também conferia um diploma superior).

Destas escolas de nível superior, que foram citadas pela ordem cronológica de sua fundação, merece destaque especial a Faculdade de Medicina, pois, pelo menos no início do período que vem sendo focalizado, ainda era sensível o seu predomínio na vida cultural baiana. Isto, porém, se explica pela prioridade da instalação do colégio médico-cirúrgico na Bahia, em 1808, o qual foi transformado, juntamente com o do Rio, em 1832, em Faculdade de Medicina, sendo que, a partir de então "As duas cidades tornaram-se focos mais vivos da cultura européia, não só a de caráter técnico, ligado à medicina, mas, por seu intermédio, a das ciências naturais que residem à base da profissão".[4] A Faculdade de Medicina, à qual se agregam os cursos de odontologia

---

2) Alexandre Passos. **Letras Bahianas**, pág. 25.
3) Idem. pág. 26.
4) **Notícia Histórica da Universidade da Bahia, pág. 19.**

e farmácia, ganhou em prestígio ao longo de sua história, atingindo renome e projeção devidos "primordialmente à plêiade de médicos, cientistas e humanistas que aí se formaram e praticaram o ensino e a pesquisa, muitos dêles atingindo vulto nacional e, não raro internacional, como que atestando o valor da Bahia como centro científico com vida própria". [5]

Mas, apesar de gozar de alto prestígio, a Faculdade de Medicina não dominou de forma absoluta a vida cultural baiana de 1900 a 1930. A Faculdade de Direito, fundada em 1891, ràpidamente se impôs, contando com reconhecidas personalidades no seu quadro docente, servindo, "de acôrdo com o espírito da época, não só para as liças acadêmicas como também de campo de debate das idéias filosóficas" e formando "muitos bacharéis — juristas ou simplesmente advogados profissionais — que prestaram apreciável contribuição ao desenvolvimento intelectual do país." [6]

Foi longa a consideração sôbre as instituições de ensino, principalmente as de nível superior, mas necessária pois foi especialmente em tôrno delas que se processou a vida intelectual baiana de 1900 a 1930, o que se poderá compreender mais fàcilmente se se lembrar que os citados estabelecimentos não se limitavam à difusão e ensino das disciplinas dos currículos de seus cursos, mas funcionavam como centros de discussão de todos os temas de cultura.

1.3. Outros focos de vida intelectual

Se bem que os principais impulsionadores da vida intelectual baiana, no período de que se vem tratando, fôssem os estabelecimentos de ensino, não podem deixar de ser mencionados outros focos de irradiação de cultura, como os órgãos de imprensa, as livrarias e os cafés e teatros.

Segundo Alexandre Passos, "a Bahia sempre possuiu grandes e importantes jornais, desde **O Prospecto**, que precedeu de um dia à **Idade d'Ouro do Brasil**". [7] E, do seu relato sôbre "Uma fase de transição na imprensa baiana". [8] obtém-se uma relação dos jornais que aqui circulavam: o **Jornal de Notícias** ("...desde 1910 modernizava o seu formato material, aparecendo em suas colunas artigos assinados por colaboradores indígenas e de outros Estados, e correspondentes no estrangeiro, sobressaindo o seu serviço telegráfico completo..."), o **Diário de Notícias** ("...uma folha conservadora, respeitada em todo o Norte, alheia que era ao partidarismo político. Os seus artigos de

---

5) Idem. Pág. 24.
6) Idem. Pág. 30.
7) Alexandre Passos. **Op. cit.**, pág. 7.
8) Idem. Pág. 5 a 13.

fundo faziam meditar. Eram, ao tempo, escritos por Américo Barreira, Virgílio de Lemos, Heráclito de Matos, Galdino de Castro e Alexandre Porphyrio. Altamirando Requião, além da crônica diária "Penumbra" combatia a impunidade de certos vícios, que, à proporção que Salvador se modernizava, invadiam a cidade."), o **Diário da Bahia** ("... decano da imprensa baiana e um dos mais antigos jornais do país, órgão de partido, continuava a tradição: bem escrito, trazendo o seu artigo doutrinário inserto nas duas primeiras colunas..."), **A Tarde, Jornal Moderno, A Notícia, O Estado, O Correio, A Gazeta de Notícias, A Cidade, Correio da Tarde, O Tempo, Estado da Bahia, A Hora, Gazeta do Povo, O Democrata, O Imparcial.** Não é, entretanto, pelo seu noticiário que os jornais importam e contribuem, sobretudo, para a vida intelectual, mas sim, pelos seus artigos de fundo e editoriais, pelas páginas e rodapés de crônicas e comentários culturais, pela publicação de peças literárias e pelas tão frequentes e empolgantes polêmicas travadas então entre destacadas personalidades do meio intelectual.

As livrarias não eram numerosas na Bahia dessa época, mas apesar de poucas, pelo menos duas, em fases distintas do período, exerceram relevante papel na vida intelectual. Nos primeiros anos foi a Catilina e, mais tarde, a Liberia Española. Esta última demonstrou concretamente a sua influência ao dirigir as atenções de alguns intelectuais, durante certo tempo, para assuntos e manifestações da cultura hispânica.

Ainda funcionando de algum modo como centros irradiadores de cultura, reminiscências de uma propalada boêmia intelectual, cujo grau de atuação não se conseguiu realmente apurar, mas que, na opinião de Estácio de Lima era bastante sensível no período de 1900 a 1930, 9 merecem ser citados os cafés, principalmente aquêles localizados entre a atual Praça Castro Alves e o Terreiro de Jesus, o Suíço, o Teutônia, o Luso-Brasileiro, a **terrasse** do Cinema Guarani, o Café das Meninas, o Brunswick, o Triunfo e o Perez, onde se reuniam grupos de intelectuais e estudantes, alguns com pouso certo e presença infalível, para as mais diversas discussões. E, na lista dos locais assiduamente frequentados pela pacata boêmia intelectual baiana, não podem ficar esquecidos o velho Teatro São João nem o mais recente Politeama.

---

9) Estácio de Lima. Entrevista. 29.IV.1971.

2. A vida literária no contexto da vida intelectual baiana do período

2.1. Papel relevante da vida literária

Uma primeira abordagem às modalidades de expressão da vida intelectual baiana, de 1900 a 1930, deixa de pronto a impressão de ter sido a literária a que alcançou maior relêvo na época. Um pouco mais de acuidade na observação, no entanto, conduz a uma mudança de opinião, levando a que se apurem as justas medidas em que cada uma das diversas modalidades se manifestou. A partir daí, então, compreende-se que, muito provàvelmente, tenham sido até mais importantes, dentro do seu âmbito específico, os estudos e pesquisas de temas médicos, para referir apenas os mais evidentes, do que as revelações literárias, no conjunto da literatura do país.

Esta observação posterior, contudo, não invalida a impressão inicial, principalmente quando se está empenhado em analisar sociològicamente a vida intelectual. E isto porque, do ponto de vista de uma Sociologia de vida intelectual, foi realmente a vida literária a que mais se projetou.

Existem, evidentemente, razões que explicam a maior projeção da vida literária então. Antes de mais nada, é preciso salientar que o adjetivo "literário" assume aqui, quase que totalmente, aquêle significado amplo de Literatura, ao qual Soares Amora se refere e explica como sendo "a expressão pela linguagem falada ou escrita, da cultura espiritual."[1]

Ora, numa época em que o humanismo era incontestàvelmente o traço mais marcante da formação dos intelectuais, preponderante mesmo entre aquêles que se dedicavam a sérias e profundas pesquisas

---

1) Antônio Soares Amora. **Teoria da Literatura**, pág. 23.

científicas, até no campo das ciências ditas exatas, em que o "poligrafismo" não tinha se rendido aos apelos da especialização, em certo sentido limitadora de horizontes, e, ainda, quando se cultivava, quase ao exagêro, as artes de bem escrever e de bem falar, não há dúvida de que o literário, entendido como se explicou acima, e também como criação estética, pôde se desenvolver amplamente.

Por outro lado, há que considerar ainda a maior facilidade de compreensão e assimilação do material literário pelo leitor (ou ouvinte) comum, situado fora do círculo intelectual, que faz com que êste material seja mais amplamente divulgado, o que facilita a sua localização posterior.

Se a vida literária, colocada em suas justas medidas, não foi a expressão mais importante da vida intelectual baiana de 1900 a 1930, nem por isso ela deixou de ser relevante e, como se pôde observar, chamou a si quase a totalidade dos intelectuais.

2.2. Agremiações literárias

Durante o período de 1900 a 1930, várias agremiações literárias, ou que estendiam a sua atuação até o campo literário, existiram ou se formaram na Bahia, algumas delas com caráter nitidamente institucional, outras como simples congregações de intelectuais.

Observa Almachio Diniz que "Houve sempre a mais manifestada tendência associacionista dos nossos homens de letras. Tôda a vez que o movimento intelectual da Bahia se avigorou, houve manifestações de gregarismo literário, (...)" 2 A observação é inteiramente correta e abrange quase tôdas as fases da vida literária baiana. No entanto, esta "tendência associacionista dos nossos homens de letras" não constitui uma característica específica dos baianos e, sim, dos homens de letras em geral (do Homem...), sendo encontrada em outras regiões e em outras épocas. O que pode conduzir à idéia de que esta tendência tenha se revelado mais frequentemente na Bahia de 1900 a 1930 é a proximidade no tempo e no espaço, que permite a identificação de grande número de agremiações do gênero, de maior ou menor vulto, como as que seguem:

O **Instituto Geográfico e Histórico**, "sob cuja cúpula gloriosa tantas vêzes nos temos congregado e que sucedeu ao **Instituto Histórico Provincial**, (o qual) foi fundado em 13 de maio de 1899 (...)", diz João Américo Garcez Froes, acrescentando que êle "tem contribuído valentemente para a florescência das letras neste Estado da Bahia"

---

2) Almachio Diniz. **A Cultura Literária na Bahia Contemporânea**, pág. 62.

como o provam "os 67 volumes de seus **Anais**, sempre com proveito consultados pelos estudiosos, ávidos de esclarecimentos históricos e geográficos, vinculados ao presente e ao passado."[3]

Ainda sôbre o **Instituto Geográfico e Histórico** como instituição ligada à vida literária, é do maior interêsse a informação de Alexandre Passos: "Logo no início da guerra (a de 1914), o **Instituto Histórico** organizou tertúlias literárias, aos domingos, independentes de suas sessões e de grande alcance intelectual e social. Creio que nasceu daí a idéia da fundação definitiva de uma Academia de Letras (...)[4]

A Nova Cruzada, associação de jovens intelectuais baianos, talvez a de maior expressão literária entre tôdas as que se organizaram no período de 1900 a 1930, sôbre a qual se transcrevem trechos das "reminiscências" de Antônio Vianna, por serem bastante elucidativos do que ela representou:

"**A Nova Cruzada** marcou, incontestàvelmente, uma época de fecunda agitação literária na Bahia. Fundada a 13 de maio de 1901, por um grupo de jovens estudantes profitentes apaixonados das artes, atravessou mais de um decênio a distribuir estímulos e emulações entre a mocidade enamorada do belo e a que faltava orientação segura. Regida pelo critério da seleção de valôres pôde reunir, em breve, uma intrépida falange de poetas, escritores e artistas, sem dedignar-se de acolher quantos se tornassem apreciáveis em outras atividades. Tantos e tais foram os frutos recolhidos da sementeira bendita que raro é o setor social em que não se encontrem os remanescentes daquele pugilo estudioso. Disse remanescentes porque as demonstrações coletivas cessaram com a dispersão do grupo, egresso das lides universitárias para distinguir-se pela elevação dos elementos com que penetrava individualmente na vida pública. Admirável sobretudo o equilíbrio vital daqueles moços imbuídos do ideal de servir à pátria, servindo às letras e às artes. Pobres na sua maioria, nunca cogitaram de sede própria, nem de aparatos materiais para as suas surtidas."[5]

Refere-se Antonio Vianna, no trecho acima transcrito, à situação social dos membros da **Nova Cruzada**, dizendo que êstes provinham, pràticamente de todos os setores da sociedade, o que depõe a favor da democratização da vida literária baiana. A esta informação convém que se acrescente a de Alexandre Passos, que dá a conhecer as diversas profissões e ocupações dos neo-cruzados: "Pertenciam seus associados (da **Nova Cruzada**) às escolas superiores, ao professorado, às classes militares, ao comércio, ao funcionalismo público."[6]

---

3) João Américo Garcez Froes. "Academia de Letras da Bahia", in **Revista da Academia de Letras da Bahia** n. 16, pág. 110.

4) Alexandre Passos. **Letras Bahianas**, pág. 22.

5) Antonio Vianna. "A Nova Cruzada", in **Revista da Academia de Letras da Bahia**, n. 16, pág. 45.

6) Alexandre Passos. **Op. cit.**, págs. 18 e 19.

Continuando-se a transcrever as palavras de Antônio Vianna, obtém-se mais dados sôbre a Nova Cruzada e seus componentes:

"A princípio reuniam-se no adro da Catedral, no Terreiro de Jesus, para troca de versos e impressões no esfusiar do epigrama ou na gargalhada límpida da anedota sadia. (...) Depois abancaram-se em assembléias na sala do alfaiate Aurélio Cardoso."[7] Posteriormente, "outras portas se abriram à **Nova Cruzada**, que a todos atendia, realizando suas sessões festivas, verdadeiras atrações do mundo artístico, no Liceu de Artes e Ofícios, na Associação Tipográfica Baiana e na Associação dos Empregados no Comércio da Bahia".[8] E mais, "nunca teve patrimônio, nem ajuda material de estranhos. Eram-lhe as despesas, com a publicação da revista mensal **A Nova Cruzada**, custeadas por todos."[9]

O mesmo autor ainda nos informa sôbre os seus estatutos, que "promulgados a 1.º de setembro de 1910, estabeleciam: 3 ordens de associados sem distinção de sexo: Neo-cruzados, Cavalheiros de Honra e Cavalheiros Beneméritos. Condições imprescindíveis para ser neo-cruzado: ter o aspirante iniciado a sua vida literária, pelo menos a 2 anos, o que provaria com documentos impressos. Para admissão de neo-cruzados pintores, músicos, escultores e arquitetos, bastava a deliberação da assembléia. Os Cavalheiros de Honra eram os distintos em qualquer ramo do saber humano; Beneméritos os que, alheios embora à arte, prestassem valiosos serviços à agremiação. Em junho e dezembro de cada ano seria editada uma coletânea em prosa e verso, de produções de seus associados, escolhidas entre as publicadas ou lidas em sessão e a qual se denominaria **Antologia da Nova Cruzada**, tendo no mínimo cem páginas de texto e mil exemplares de edição. Os trabalhos de cada colaborador eram precedidos sempre que possível, duma bibliografia com o resumo de apreciações críticas a respeito de sua individualidade, notas biográficas, retratos, etc."[10]

Há dois pontos dêstes estatutos que devem ser ressaltados. O primeiro é a não distinção de sexo para a admissão de associados. Embora não se tenha notícia de nenhuma neo-cruzada, fica-se sabendo que, ao menos em tese, era admitida a participação feminina na agremiação. O outro é o estabelecimento de uma ordem, a dos Cavalheiros de Honra, que congregava "os distintos em qualquer ramo do saber humano" e, ainda, a admissão de neo-cruzados pintores, músicos, escultores e arquitetos, o que revela ter sido a **Nova Cruzada** uma associação que ultrapassava o âmbito especìficamente literário.

---

7) Antônio Vianna. **Op. cit.**, pág. 45.
8) Idem. Pág. 46.
9) Idem. Pág. 47.
10) Idem. Pág. 48.

A **Ateneida Baiana**, da qual apenas se conseguiu saber que foi fundada em 13 de maio de 1906 e que não subsistiu.[11]

O **Ateneu Muniz Barreto**, ao qual se refere Almachio Diniz como uma instituição de vida efêmera, "porque, em menos de um ano, era remodelada e propagada, com muito maior vulto, em **Academia Baiana de Letras**, com organização parecida com a de suas similares no país e no estrangeiro, exigindo como primeira qualidade de ser associado o nascimento em terra baiana".[12] Esta academia, instalada em 1911, com vinte e cinco cadeiras, não chegou a completar um ano. Mas vale assinalar que dela fêz parte, como declaram o próprio Almachio Diniz e Antônio Vianna, uma mulher, a poetisa Eufrosina Miranda.

Precedendo a criação da **Academia Baiana de Letras**, há notícias da existência de outra agremiação, os **Obreiros do Porvir**, que publicava a revista **Ad Lucem.**

A **Academia de Letras da Bahia**, que surgiu em 1917, por iniciativa de Arlindo Fragoso, o qual "em 2 de março de 1917, em carta dirigida a trinta e seis intelectuais, convocou-os para o fim especial de instituir uma associação de homens de letras, que, "reunindo espíritos superiores, teria como irredutível dever o mais absoluto respeito à independência mental dos que deveriam compô-la", sem que o seu funcionamento dependesse de qualquer condição de escola ou doutrina ou preferência de idéias políticas ou filosóficas." [14]

O teor da convocação de Arlindo Fragoso elucida suficientemente sôbre o grau de liberdade intelectual que deveria ser, e foi, concedido aos membros da **Academia de Letras da Bahia**, a qual ficou definitivamente instituída na reunião do dia 7 de março de 1917, sendo solenemente instalada a 10 de abril do mesmo ano "sob o alto patrocínio do Govêrno do Estado" [15], patrocínio explicado por Alexandre Passos por ser Arlindo Fragoso, então, secretário de Estado. [16]

A **Academia de Letras da Bahia** organizou-se "seguindo as normas da Academia Brasileira, como esta se instituíra pelo duradoiro e secular modêlo da Academia Francesa, adotando para o patrono das suas cadeiras, quarenta nomes de baianos ilustres" [17], o que, de certo modo, evidencia a influência exercida na Bahia por dois centros de irradiação cultural, o Rio de Janeiro e a França.

---

11) João Américo Garcez Froes. **Op. cit.**, pág. 111.
12) Almachio Diniz. **Op. cit.**, pág. 64.
13) João Américo Garcez Froes. **Op. cit.**, pág. 111.
14) Pe. Manoel de Aquino Barbosa. "Bodas de Prata da Academia", in **Revista da Academia de Letras da Bahia**, n. 16, pág. 87.
15) Idem. Pág. 88.
16) Alexandre Passos. **Op. cit.**, pág. 22.
17) Pe. Manoel de Aquino Barbosa. **Op. cit.**, pág. 88.

Ainda a respeito da **Academia de Letras da Bahia,** é interessante assinalar que, no seu início, possuiu, excepcionalmente, 41 cadeiras. Isto porque o seu incentivador, Arlindo Fragoso, não incluiu o seu nome na lista dos acadêmicos, os quais usaram do artifício de criar uma cadeira, suplementar e transitória, que lhe foi destinada. Acrescente-se, também, que ela funcionou no edifício da Camâra dos Deputados e na Biblioteca Pública, antes de possuir sede própria, e que obteve o privilégio de publicar no **Diário Oficial** e de mandar imprimir pela Imprensa Oficial, desde que foi considerada de utilidade pública, no mesmo ano da sua fundação. 18

A **Hora Literária dos Novos**, o **Grêmio Olavo Bilac** e a **Academia Manuel Vitorino** foram outras instituições literárias baianas, mas só da última se conseguiu obter umas poucas informações: que foi fundada a 14 de julho de 1919 e persistiu até por volta de 1940, ministrando cursos. 19

Os grupos de **Távola** e **Arco & Flexa** não foram agremiações institucionalizadas como a maioria das anteriormente citadas. Do primeiro tem-se depoimento de Herman Lima, que a êle se refere como sendo, "em 1922, a roda regular de tôdas as noites, ainda adoràvelmente possível naqueles doces idos, roda a que não faltava um sequer, de segunda a sábado, ao ar livre, em tôrno a uma das mesas do bar do Cinema Guarani (...)" e mais adiante explica o "grupo que então formávamos em tôrno de certa mesa na **terrasse** do Cinema Guarani, na Praça Castro Alves, espécie de Mesa Redonda, onde se discutia Política e Música, Pintura e Letras, Medicina e Folclore, dez ou doze que éramos, donde a lembrança de se marcar com um sinête — a palavra **Távola**, dentro dum círculo — vários dos nossos livros publicados na época." 20

Como se depreende destas palavras, o grupo de **Távola** não passava de simples reunião de amigos que trocavam idéias sôbre vários temas de cultura. Mas, pela projeção intelectual das pessoas que o formavam, marcou sua presença na vida literária da época durante anos, inclusive incentivando os novos, como fica patente nesta declaração de **Arco & Flexa: "Arco & Flexa** não tem, nem aceita o patrocínio de outra sociedade qualquer de artes e letras, que não seja **Távola,** de quem reconhece o apoio moral, intelectual e material desde o seu início, conforme chancela evidente na capa de todos os seus números". 21

O grupo **Arco & Flexa,** que é conhecido pelo nome da revista que publicou, era formado por rapazes muito jovens, na sua maio-

---

18) Idem. Pág. 92.
19) Alexandre Passos. **Op. cit.**, pág. 22. E João Américo Garcez Froes. **Op. cit.**, pág. 111.
20) Herman Lima. **Poeira do Tempo**, págs. 204 e 211.
21) **In Arco & Flexa,** n.s 4/5, pág. 77.

ria estudantes, que tinham aderido às idéias modernistas propagadas por Carlos Chiacchio. Gozou de muito prestígio quando se lançou na vida literária, em 1928, mas em apenas dois anos se dissolveu, vindo seus participantes, na sua maioria, anos depois, incorporar-se à **Ala das Letras e das Artes.** Com outra concepção de modernismo e opondo-se a agremiações vigentes, surgiu quase à mesma época o grupo da **Academia dos Rebeldes**, grupo que nunca foi muito coeso e que teve vida mais breve que o de **Arco & Flexa.** Nenhum dêstes grupos chegou a possuir sede e suas reuniões se realizavam em cafés, sendo os mais frequentes o Café das Meninas para o **Arco & Flexa** e o bar Brunswick para a **Academia dos Rebeldes.**

A enumeração das agremiações literárias foi feita com a intenção de dar idéia de como se organizava a vida literária baiana no período de 1900 a 1930. Sabe-se, porém, que ela não se resumia a êsses tipos de associações. Tem-se, inclusive, notícia de pequenos agrupamentos literários que se formaram em instituições que se ocupavam primacialmente de outros ramos da cultura, como o Instituto Nina Rodrigues, a Maternidade Climério de Oliveira ou o Hospital Santa Isabel 22, e de salões particulares onde vidas literária e mundana se entrosavam e confundiam, como o de Pethion de Vilar e o de Mme. Júlia Galeno Sant'Anna, mas estas manifestações da vida literária não se encontram suficientemente documentadas, e por isso deixa-se apenas assinalada a sua existência.

---

22) Estácio de Lima. Entrevista, 22.IV.1971.

3. Artur de Sales, Carlos Chiacchio e Roberto Correia — expressões da vida literária baiana de 1900 a 1930.

3.1. Porque Artur de Sales, Carlos Chiacchio e Roberto Correia.

Várias personalidades da vida intelectual baiana dêsse período poderiam figurar como expressões da vida literária. Citá-las tôdas implicaria num juízo de valor de difícil estabelecimento. No entanto, uma houve, Xavier Marques, que foi incontestàvelmente a mais representativa. Não porque tivesse exercido liderança objetiva, o que não lhe permitia o seu temperamento introspectivo, assinalado por todos os seus biógrafos e comentadores e que levou Carlos Ribeiro a declarar que "Xavier Marques tem sido sempre em tôda sua vida, um retraído, um ilhado em sí mesmo, com irradiações, embora, de intenso e amplo diâmetro, no círculo de seleções".[1] Mas porque, pelo valor de suas produções, gozou de um prestígio que ultrapassou ambos os limites do período, sendo considerado um exemplo a ser seguido, como se pode depreender de duas das mais significativas homenagens que lhe foram prestadas. Uma pela **Nova Cruzada**, em 1906, com uma festa que se denominou "Carmina Triumphalia", assim descrita por Carlos Chiacchio: "Abalou-se tôda a cidade intelectual para realizá-la. Não só as sociedades vigentes, senão, ainda, e sobremaneira, tôda a imprensa confraternizada. Sociedades, ao tempo: **Círculo dos Repórteres, Grêmio Lítero Jurídico, Grêmio Ruy Barbosa, Federação Socialista, Beneficente dos Alfaiates, Círculo Cató-**

---

1) Carlos Ribeiro. "Discurso a Xavier Marques por ocasião do seu octogésimo aniversário", in Revista da Academia de Letras da Bahia, n. 16, pág. 131.

lico, **Sociedade 14 de Julho, Tipográfica Bahiana, Instituto Geográfico e Histórico, Associação Comercial, Liceu de Artes e Ofícios** (que ofereceu o edifício para a solenidade) e a **Casa Ornamento** (que lhe engalanou, grátis, salões e escadarias, com troféus, flâmulas e colunatas). Tôdas acudindo ao apêlo da **Nova Cruzada.** Do mesmo passo a imprensa: **O País** (do Rio), **Revista do Brasil, Diário da Bahia, Jornal de Notícias, A Bahia, Diário de Notícias, O Norte**, de Joaquim Pires Muniz de Carvalho, representado por Macedo Guimarães e Descartes Magalhães, neos-cruzados, e seus colaboradores, por fim, a **Gazeta do Povo**, de Vergílio de Lemos, Ernesto Simões Filho, Otávio Mangabeira, que lhe abriram tôda a primeira página, e metade quase da segunda, com o noticiário amplo da festa. Festa simples, mas arrebatadora. Regorgitada de gentes, músicas e rosas. Principalmente rosas, muitas rosas".[2] A outra, em comemoração aos seus 80 anos, na verdade várias homenagens, da **Academia de Letras da Bahia**, do Govêrno do Estado e da **Academia Brasileira**, tôdas em 1941 e documentadas no n.º 16 da **Revista da Academia de Letras da Bahia**, "reatando (...) o fio histórico da **Nova Cruzada**", como disse Carlos Ribeiro.[3]

A escolha de Artur de Sales, Carlos Chiacchio e Roberto Correia, para representar a vida literária baiana de 1900 a 1930, porém, não se deu por acaso, nem foi levada a efeito apenas por motivos afetivos particulares, embora o fato de tê-los tomado, a princípio, como objeto de estudo, se ligue a lembranças do tempo de infância, no caso de Artur de Sales, e a relações de amizade de família nos outros dois. Esta escolha foi motivada pelo reconhecimento de sua participação ativa em todo o período, Artur de Sales notadamente como poeta, Roberto Correia como poeta e pedagogo e Carlos Chiacchio principalmente como animador da vida literária baiana.

3.2. Identificação e Tipologia

Artur Gonçalves de Sales, Carlos Chiacchio e Roberto Correia, amigos fraternos e companheiros de quase tôda a vida, nasceram num espaço de menos de 10 anos, que foi o lapso de tempo transcorrido entre a morte do primeiro, Roberto, e do último dos três, Sales.

Roberto Correia, o mais velho, nasceu a 10 de maio de 1876, no distrito da Sé, da Cidade do Salvador, na Bahia, e morreu na mesma cidade, a 24 de dezembro de 1941. Artur de Sales, seu conterrâneo, nasceu a 7 de março de 1879, "numa velha casa do Cais

---

2) Carlos Chiacchio. **Paginário de Roberto Correia**, págs. 19 e 20.
3) Carlos Ribeiro. Op. cit., pág. 134.

Dourado, no Salvador, em cuja soleira, na sua infância, vinham brincar as maretas"[4] e aqui mesmo faleceu, a 27 de junho de 1951. Carlos Chiacchio, de quem já se disse ter sido o agitador da vida literária baiana durante os seus muitos anos de atividade intelectual, nasceu em Januária, Minas Gerais, em 1884, mas para cá veio, ainda menino, e aqui permaneceu até a sua morte, em julho de 1947.

Quanto à classe social a que pertenciam êstes três mestiços (que nisso também coincidiam), encontram-se apenas algumas poucas alusões que levam a concluir ter tido Roberto origem modesta, e obteve-se informação de que a de Sales foi econômicamente remediada e a de Chiacchio relativamente abastada.[5]

A respeito de Roberto Correia, que Octacílio de Carvalho Lopes diz ter sido muito pobre[6], tem-se a informação de Carlos Chiacchio de que "no antigo **Liceu de Artes e Ofícios**, fêz os seus primeiros estudos, aprendendo o ofício de tipógrafo, que passou a exercer, (...)[7]. Acredita-se ser esta informação denotativa de um **status** social, superado por Roberto Correia, que veio a ascender socialmente com as suas atividades pedagógicas e literárias, embora tenha permanecido sempre econômicamente pobre.

Artur de Sales era filho de um comerciante de "secos e molhados", superiormente colocado portanto na escala social, em relação a Roberto Correia, no entanto, se obteve altíssima projeção literária, por outro lado não passou de modesto professor primário e nem se esforçou para ir além, como atestam Andrade Murici e Herman Lima: "Nunca deu um passo para valorizar-se. A sua representação intelectual é, entretanto, relevante. Artur de Sales impôs-se porque, com a sua obra, isso se tornava inevitável. Nem dela aliás, êle tratou. O seu único livro de versos foi publicado pelos seus amigos, e quase à fôrça". E, "no seu caso particular, entretanto, dir-se-ia mesmo fazer tudo, êle próprio, para ficar sempre em segundo plano, apagado no seu cargo burocrático, **onde não teve uma única promoção**, de 1911 até sua morte em 1952".[8]

Carlos Chiacchio, filho de imigrante italiano, comerciante próspero em Januária, e de mãe preta, (o que o levou a declarar por ocasião da guerra da Itália com a Abissínia: "— Eu também sou um conflito ítalo-etíope".[9]), foi sempre, dos três, o que gozou de

---

4) Herman Lima. **Poeirado Tempo, pág. 227.**

5) Hélio Simões.

6) Octacílio de Carvalho Lopes. Pethion de Vilar, pág. 138.

7) Carlos Chiacchio. Op. cit., pág. 4.

8) Herman Lima. **Op. cit.,** pág. 218. Herman Lima comete um engano ao indicar o ano de 1952 como o da morte de Artur de Sales.

9) Idem Pág. 217.

melhor situação econômica, e, sem raízes na Bahia, conseguiu, pela sua atividade nas letras, impor-se socialmente.

Múltiplas foram as atividades literárias dêstes três intelectuais, no entanto procurar-se-á fixar aquela ou aquelas que melhor os caracterizam ou em que foram enquadrados pelos críticos e comentadores, contemporâneos ou que lhes sucederam. De Artur de Sales, é bem fácil estabelecer esta tipologia. Embora Almachio Diniz o inclua em sua relação de prosadores, como cronista, [10] foi como poeta que Sales se notabilizou, a ponto de Fernando Góes declarar que êle "não foi outra coisa na vida senão poeta". [11] E de poesia são os seus três livros publicados: **Poesias (1901-1915)**, Bahia, s. d. (1920), **Sangue Mau**, Bahia, 1928 e **Poemas Regionais** ("Sangue Mau", "O Ramo da Fogueira"), Bahia, 1948. Mesmo quando exerceu atividade de tradutor, traduzindo o **Macbeth** de Shakespeare (Rio de Janeiro, 1948), foi poeta, pois "A exemplo de Viguy, Sales submeteu o texto shakespeariano à severa disciplina do verso alexandrino, o que era um modo de ser mais realista do que o rei, visto que o texto original é geralmente vasado em versos brancos". [12] Uma característica que se acentua em Artur de Sales, por se constituir exceção na Bahia de então, era o seu silêncio. A respeito disso é curioso citar o seguinte trecho de Herman Lima:

"... Artur de Sales pouco falava, muito embora seguindo sempre, em atenta concentração, os comentários esvoaçantes em tôrno dos assuntos mais variados.

Êsse aspecto da sua personalidade foi impressivamente fixado por Heli Menegale, em **Roteiros de Poesia**, ao recordar seu primeiro encontro com o poeta, por sinal que muito de seu conhecimento anterior, através duma correspondência de anos.

Embora com evidente exagêro, na referência ao número de oradores da sessão, para forçar a nota do pitoresco, lembra êle que, a passeio pela cidade do Salvador, entrou certa noite, por curiosidade, na Academia de Letras da Bahia.

"Estavam os acadêmicos reunidos em tertúlia. Tertúlia é o nome atribuído às sessões da Academia, em que a todos os confrades se concede a palavra e todos, sôbre o motivo que os congrega, discursam na habitual fluência dos baianos.

Para os assistentes, muito poucos naquela noite, havia cadeiras disponíveis ao longo das paredes. No centro, em tôrno de ex-

---

10) Almachio Diniz. **Cultura Literária da Bahia contemporânea**, pág. 58.

11) Fernando Góes, **Panorama da Poesia Brasileira — O Simbolismo** pág. 275.

12) Eugênio Gomes **Prata de Casa**, pág. 67.

tensa mesa, eram vinte os acadêmicos, e dezenove discursaram. Dezenove, porque um dêles, silencioso, arredio, avêsso, provàvelmente à eloqüência, não participou da tertúlia, senão com sua presença. Presença? Ausência era o que êle sugeria, grande, ossudo, o olhar manso e vago, pele tisnada, cabeleira branca e muito leve, atirada em ondas largas para trás.

A palavra em público era, realmente, uma das aversões mais assentadas de Artur de Sales". [13]

A eloqüência, não observada em Artur de Sales, era realmente uma característica baiana (parece que nem só da intelectualidade), e dela não escapou Roberto Correia, do qual, diz Antônio Vianna relembrando os antigos companheiros da **Nova Cruzada**, que era "magriço e desbordante, capaz de falar a noite inteira, até ter número para a sessão". [14]

A mais completa tipologia de Roberto Correia é feita, porém, por Carlos Chiacchio, que o classifica, no **Paginário**... de: escritor popular, escritor pedagógico, poeta lírico, poeta herói-cívico e epigramista. A esta classificação só faltam referências, ao Roberto Correia orador, que já foi anteriormente mencionado, e prosador. De tôdas estas atividades literárias, tôdas elas superiormente realizadas, três foram realçadas pelos seus contemporâneos e são relembradas por aquêles que lhe sobreviveram. A de escritor pedagógico, que se confunde com o exercício de sua função de professor, e que lhe valeu o seguinte elogio de Octacílio de Carvalho Lopes: "Seu Livro da Infância (Páginas de Propaganda Patriótica) contém admiráveis exortações à infância, dignas de maior divulgação". [15] Ainda como pedagogo êle escreveu **Leitura Para As Crianças** (Bahia, 1915) e **José** (Bahia, 1935), entre outros, sendo o último citado considerado o melhor por Carlos Chiacchio, que dêle declara: "Estou que **José**, de Roberto Correia, mercê de calhar a tôdas as exigências da moral cívica, da estética do caráter e dos processos de educação moderna, convém lido e relido por tôdas as gerações primárias a quem é dedicado". [16] E as de poeta lírico e epigramista. Diz Chiacchio, ainda no **Paginário**... que "a feição empolgante de Roberto, é a poesia", e, adiante, referindo-se à lírica, que "Roberto excele nesse gênero na Bahia". [17] Do epigramista Roberto Correia há duas interpretações, a de Carlos Ribeiro, que o considera "amoroso poeta da criança e, ao mesmo tempo, cruel epigramista das fatuíces e ridículos huma-

13) Herman Lima. **Op. cit.**, pág. 219.

14) Antônio Vianna, "A Nova Cruzada", in **Revista da Academia de da Bahia, n. 16**, pág. 46.

15) Octacílio de Carvalho Lopes. Op. cit., pág. 140.

16) Carlos Chiacchio. **Op. cit.**, pág. 8.

17) Idem Pág. 10.

nos"[18], e a de Lafaiete Spínola que entende que "Roberto Correia, o consumado professor de vernáculo, o lírico inspiradíssimo e o empolgante épico das estrofes condoreiras, foi também um epigramista de bom quilate, embora por vêzes a sua bondade sem limites aparasse os espinhos de suas "Farpas";[19] e esta última interpretação, que também é a de Chiacchio, parece ser a mais verdadeira.

Carlos Chiacchio, no campo das letras, ao lado da sua função de animador, foi também muito aplaudido como poeta, ensaísta, orador, crítico e polemista. Como poeta publicou **Infância** (1938), e da sua atividade de ensaísta, tôda ela divulgada em periódicos ou em vários números do **Jornal de Ala**, só veio a ter forma de livro, pòstumamente, **Modernistas e Ultramodernistas** (Bahia, 1951). Foi, porém, como orador, crítico e polemista que o seu nome mais repercutiu e continua a ser lembrado. O Chiacchio orador é rememorado por Herman Lima, que assim comenta o primeiro discurso que lhe ouviu, celebrando o feito de Gago Coutinho e Sacadura Cabral:

"Eu sei de mim que fiquei deslumbrado. Duma terra de gente sêca e calada, podada pela aspereza do clima que impede qualquer excesso de clorofila ou de oratória, nunca tendo, a bem dizer, ouvido antes um verdadeiro dicurso literário, os tropos do crítico da Bahia naquela noite riscada ao longe de foguetes e balões joaninos, eram qualquer coisa de novo, como a própria façanha por êle celebrada.

Uma voz que tinha tôdas as modulações, do quebro amoroso ao bramido de onomatopéias selvagens, indo, por escala de sábia elocução, do sussurro ao grito, numa permanente emoção que ora a fazia sacudida de espasmos, ora a desnovelava em frêmitos de ternura envolvente; um gesto, que se abria, em largura de abarcar horizontes e depois se metia pelo peito a dentro, para logo mais se ofertar em adejo de palmas votivas; por fim, a estranha figura do orador, atarracada e fusca, num gingar de todo o corpo, num arremesso de peito, num jôgo de cabeça desafiante — tudo isso me deixaria uma impressão que ainda hoje não se apagou inteiramente.

Quanto à oração em si, tão bela pelo arrôjo da frase, o calor do estilo, o tropel das imagens felizes e imprevistas, que a proeza dos aviadores em si própria facultava, me ficou igualmente como peça literária das mais completas e adequadas".[20]

Ainda a respeito da eloqüência de Chiacchio, o mesmo Herman Lima se lhe refere como "improvisador magistral de discursos e conferências".[21]

---

18) Carlos Ribeiro. "Prelúdio de Um Quartel de Século" in **Revista da Academia de Letras da Bahia**, n. 16, páág. 75.

19) Lafaiete Spínola. Harpas e Farpas, pág. 22.

20) Herman Lima. **Op. cit.**, págs. 208 e 209.

21) Idem. Qág. 209.

A atividade crítica de Chiacchio, que englobava as letras e as artes, música e pintura, exercendo-se desde a sua juventude, na **Nova Cruzada**, como recorda Antônio Vianna: "Carlos Chiacchio, um turbilhão de rimas e assuntos a criticar" [22]; até os últimos tempos de sua vida. Como esta crítica foi pràticamente tôda publicada em jornais, exemplo disso foi o rodapé "Homens & Obras" de **A Tarde**, o seu conhecimento foi geral.

O temperamento de Chiacchio se adequava òtimamente a um gênero de grande voga na época, a polêmica. Também nisto êle se destacou, e de tal forma que levou Carvalho Filho a observar: "Mais próxima, porém, da lembrança dos seus contemporâneos estava a repercussão de dois livros de polêmica truculenta, em que se empenhara com todos os ímpetos de seu temperamento tão marcado de extremos. O primeiro (**A margem duma polêmica**, 1914) em defesa de um de seus professôres da Faculdade de Medicina; o outro (**Os Gryphos**, 1923), representa gesto revolto de saneamento moral de nossos créditos de cultura. Os assuntos de ambos, em verdade, como muitos em que por vêzes se esgotou, não deviam ter merecido a sua atenção". [23]

3.3. Profissão e Vocação

Já foi provado que a profissão das letras não foi suficiente para manter os intelectuais brasileiros, no período de 1870 a 1930. Para equilibrar os seus orçamentos, necessitavam êles de exercer outra atividade subsidiária, que foi, normalmente, o jornalismo, o magistério ou a função pública, ou ainda, com menor índice uma profissão liberal. [24]

Os intelectuais, dos quais se vem tratando, Artur de Sales, Carlos Chiacchio e Roberto Correia, não fugiram a esta regra. Todos os três, tiveram uma outra ocupação, sendo que só Roberto Correia alcançou, por fim, uma total conciliação entre a sua profissão e vocação.

Como já foi referido, Roberto Correia, de origem modesta, fêz os seus estudos iniciais no **Liceu de Artes e Ofícios** e aí aprendeu o ofício de tipógrafo. Foi esta a sua primeira profissão, que êle chegou realmente a exercer "não só aqui, em várias casas de obras e jornais, a citar o **Jornal de Notícias**, então propriedade e direção de Aloisio de Carvalho, como também no Rio de Janeiro, onde ingressara

22) Antônio Vianna. **Op. cit.**, pág. 46.
23) Carvalhlo Filho. Prefácio de Carlos Chiacchio. **Modernistas e Ultramodernistas** pág. II.
24) A. L. Machado Neto. **Estrutura Social da República das Letras**, págs 58 a 63.

no **Jornal de Comércio**". Não era essa, no entanto sua vocação, e, voltando à Bahia, em 1895, ingressa na Escola Normal, "diplomandose, por fim, aluno mestre, em 1898. (...) Diplomado, integra-se no magistério público, em 1899, indo ocupar a cadeira de professor no Arraial de Bom Jesus de Vila Rica, no município de Itapicuru, de onde a breve trecho, é removido para a cidade de Maracás. Veio, depois de pequeno estágio nessa cidade, nomeado para o magistério primário da capital, onde exerceu o cargo de adjunto de uma das escolas do bairro da Barra. Anos volvidos, passou a catedrático de uma das escolas do distrito da Sé, local do seu nascimento, a que sempre muito amou e distinguiu, nas referências dos seus contos regionais. Chegou a Delegado Escolar do Município do Salvador, no govêrno Antônio Moniz. Mas, avocado pelo Estado o ensino, em 1926, ficou em disponibilidade, ensinando durante êste período, no Corpo de Bombeiros, e em outras instituições. Em 1937, aposentou-se. Aposentou-se, porém não se entregou ao descanso. Passou a ensinar em vários colégios particulares, sendo que no Instituto Baiano de Ensino, desde a sua fundação em 1919, ensinava com a assiduidade exemplar que lhe caracterizava o sacerdócio, até às vésperas do falecimento, pois, nesse Instituto, ainda nos primeiros dias de dezembro expirante, fêz tôdas as provas orais de seus alunos de primeiro e quarto anos". [25]

Transcreveu-se quase tôda a pequena biografia de Roberto Correia que Carlos Chiacchio insere no seu **Paginário**..., mas considera-se pertinente esta transcrição, uma vez que era preciso mostrar como o magistério foi importante na vida do escritor, que o exerceu não como uma atividade suplementar, mas como um sacerdócio. E como se isso já não fôsse suficiente, Roberto Correia ainda dedicou muito de sí à educação infantil, elaborando livros didáticos. É êste um caso raro, mas feliz, de convergência, em uma só pessoa, de duas vocações, a literária e a do magistério, que, por serem compatíveis, puderam se realizar plenamente.

A vocação de Artur de Sales sempre foi, incontestàvelmente, a poesia, e esta era tão patente que Lafaiete Spínola, que com êle conviveu, chega a fazer esta conjectura: "Se me fôsse dado separar o poeta do homem, eu seria capaz de afirmar que Artur de Sales não era homem e sim poeta." [26] E como poeta êle se realizou plenamente. mas foi preciso que exercesse uma profissão que lhe garantisse e aos seus a sobrevivência. Por sua vocação, segundo as informações que se obteve, teria sido militar. A respeito disso, comenta Herman Lima:

---

25) Carlos Chiacchio. **Paginário**..., págs. 4 e 5

26) Lafaiete Spínola. **Op. cit.**, pág. 7.

"Por muito estranho que pareça, vibravam-lhe na alma, profundamente mística, certas insólitas e renitentes veleidades mavórticas, dificilmente compreensíveis para os seus mais íntimos.

No começo da vida, quando se tratava de escolher carreira, o que fêz foi viajar para o Rio, a fim de matricular-se no Colégio Militar, porém a autoridade paterna haveria de cortar logo, inflexìvelmente, as hipotéticas divisas do futuro general.

Êle nunca se conformou com isso, conservando-se sempre fiel ao culto dos grandes guerreiros."[27]

Impedido de seguir a carreira que desejara, Artur de Sales retornou à Bahia e cursou a Escola Normal, diplomando-se aluno-mestre em 1905. "Ingressou no jornalismo e no funcionalismo público, sendo, a princípio, bibliotecário da Escola Agrícola da Bahia, e, depois, professor no Aprendizado Agrícola."[28] Como professor do Aprendizado Agrícola êle serviu em São Bento das Lages, em Barracão e em Quissamã.[29] Servindo em São Bento das Lages, morou na Vila de São Francisco.[30] Mas, como já se viu num trecho de Herman Lima, anteriormente transcrito, Sales nunca obteve, nem para isso se empenhou, uma única promoção na sua carreira docente. E êste seu descaso para com a ascenção profissional pode significar, além do desprendimento poético, uma inadaptação à profissão que o poeta foi obrigado a exercer.

Carlos Chiacchio, que veio para a Bahia ainda menino, para estudar no Colégio Carneiro Ribeiro, aqui mesmo ficou e se formou em Medicina. Não se pôde apurar se fêz o curso por livre escolha, por imposição familiar, ou influenciado pelo prestígio da Faculdade de Medicina. Em todo caso, esta não parece ter sido a sua vocação, como se pode depreender do comentário de Herman Lima:

"Médico, dos mais céticos que qualquer Faculdade já tenha produzido, dava-lhe a arte de curar, que nunca praticou, um modesto meio de subsistência, ao amparo de certo emprêgo burocrático na Estrada de Ferro da Bahia, dêle se dizendo, entre amigos, que tinha o mais visceral horror aos doentes de visita compulsória.

Ideais, para êle, os atestados de óbito, por valer-se, à distância, quase sempre, da palavra dos parentes, que o iam procurar em casa, embora, numa dessas, se tivesse por milagre livrado de grave embrulhada, como gostava de contar com muita malícia. Chamado para ver um sujeito qualquer da ferrovia, que se dizia fulminado por um ictus, em subúrbio distante, deu-lhe na telha, nunca soube por

---

27) Herman Lima. **Op. cit.**, págss. 221 e 222.
28) Aloísio de Carvalho Filho. **Coletânea de Poetas Bahianos**, pág. 99
29) Fernando Góes. **Op. cit.**, pág. 27.
30) Eugênio Gomes. **Op. cit.**, pág. 67.

que lampejo de intuição, mandar despir o homem, e o que viu, aterrado, foi um tremendo rombo de bala em pleno peito do cadáver" [31].

Chiacchio, como médico, além de ter uma colocação na Estrada de Ferro da Bahia, exerceu a função de verificador de óbitos, na Saúde Pública, portanto se esta profissão não era a de sua vocação, ao menos possibilitou-lhe emprêgos que lhe garantiam, sem muitos esforços, a subsistência, deixando-o em disponibilidade para exercer a sua intensa atividade literária e uma outra profissão, mais compatível com esta atividade, e que lhe era mais agradável, a do jornalismo.

Em resumo, na tentativa de solucionar a dicotomia entre profissão e vocação, que os homens de letras, em geral, têm que enfrentar, apenas Artur de Sales, dos três intelectuais aqui tratados, não obteve êxito.

3.4. Participação na Sociedade das Letras e Prestígio

Já se disse justificando a escolha de Artur de Sales, Carlos Chiacchio e Roberto Correia como expressões da vida literária baiana de 1900 a 1930, que êles dela participaram ativamente em todo o período. E, anteriormente, foram feitas algumas alusões a esta participação e ao seu prestígio, que serão agora referidos mais objetivamente.

Sales, Chiacchio e Roberto, os companheiros de sempre, juntos incluiram-se entre os membros participantes das mais relevantes associações literárias da época. Pertenceram ao Instituto Geográfico e Histórico, e seus nomes figuram entre os que mais se destacaram na Nova Cruzada, na relação de Pedro Calmon: "A poesia apresenta-se com Artur de Sales, Roberto Correia, Álvaro Reis, Pedro Kilkerry; (...) a crítica literária, com um dos folhetinistas mais reluzentes da agremiação, que foi Carlos Chiacchio; (...)." [32]

Na Academia de Letras da Bahia estiveram presentes desde a sua fundação, ocupando Artur de Sales a cadeira n.º 3, cujo patrono é Manuel Botelho de Oliveira, Carlos Chiacchio a n.º 5, dedicada a Luís Antônio de Oliveira Mendes, e Roberto Correia a n.º 30, que tinha o patronato de Joaquim Monteiro Caminhoá. Chiacchio e Roberto Correia participaram também da direção desta Sociedade, exercendo o primeiro, o cargo de 2.º Secretário de 1922 a 1937, e o segundo, o de tesoureiro de 1935 a 1941 [33], sendo ainda dos responsáveis pela criação da Revista da Academia de Letras da Bahia, como indica

---

31) Herman Lima. **Op. cit.**, pág. 216.

32) Pedro Calmon. **História da Literatura Bahiana**, pág. 217.

33) Cf. Pe. Manoel de Aquino Barbosa. "Bodas de Prata da Academia", in **Revista da Academia de Letras da Bahia**, n. 16 págs. 85 a 106

Carlos Ribeiro: "Em 1930, a Academia afirma a plenitude da maternidade cultural, dando à luz o primeiro número de sua **Revista**, assinalável conquista dos esforços e pertinácia de Chiacchio, Deraldo Dias e Roberto Correia, (...) [34].

Que êles eram dos assíduos frequentadores da roda de **Távola**, fica-se a saber pela enumeração de Herman Lima: "compunha-se de Carlos Chiacchio, Roberto Correia, Castelar Sampaio, Afonso de Castro Rebelo Filho, Artur de Sales, Sabóia Ribeiro, Hermano Santana, Acácio França, Presciliano Silva, Robespierre de Faria e Rafael Barbosa". [35]

E, de referência a **Arco & Flexa**, além de terem sido dos seus incentivadores, destacando-se Carlos Chiacchio que pode mesmo ser considerado o mentor dêste grupo, todos êles colaboraram com material para sua revista.

Mas, nem só dessas agremiações êles fizeram parte. De Chiacchio diz Herman Lima que "era aquêle grande espírito gregário, visceralmente infenso à solidão, animador de clãs, fulcro entusiástico e generoso de todos os movimentos literários da Bahia, a partir da famosa agremiação da **Nova Cruzada**, dos seus tempos de estudante, até à fundação de **Ala das Letras e das Artes**, com que culminaria sua vida, na mais intensa e expressiva atuação que registam as crônicas locais". [36]

De Artur de Sales e Roberto Correia sabe-se, por informação de Estácio de Lima, que também foram presenças no grupo do Instituto Nina Rodrigues (liderado por Oscar Freire). [37]

A consideração de que foram alvo êstes intelectuais enquanto viveram, que repercute ainda atualmente, assinala o grau de seu prestígio. De referência a Artur de Sales e Roberto Correia, não se encontrou uma palavra restritiva, todos os que dêles trataram, não lhe negaram elogios. Se houve alguma voz discordante, esta não se propagou e foi esquecida. Citem-se alguns dêsses elogios que lhes foram endereçados.

Aquêles que o foram a Artur de Sales, tiveram sempre por objetivo a sua poesia. Para Octacílio de Carvalho Lopes, êle foi "sem contestação, um dos maiores poetas do Brasil" [38]; para Lafaiete Spínola, foi "um dos maiores mestres que jamais conheci. A beleza de seus versos é uma das grandes coisas que encontrei neste mundo. Poeta de raça, que soube aliar o melhor simbolismo ao melhor par-

---

34) Carlos Ribeiro. "Prelúdio de Um Quartel de Século", pág. 75.
35) Herman Lima. **Op. cit.**, pág. 204.
36) Idem Pág. 210.
37) Estácio de Lima. Entrevista, 29.IV.1971.
38) Octacílio de Carvalho Lopes. **Op. cit.**, pág. 143.

nasianismo, é um dos artistas mais puros da galeria dos nossos grandes líricos. Possuindo um sentimento de arte profundamente humano, à elevação do pensamento casou a perfeição da forma, e é um poeta sem jaça, um poeta sem defeito, como o foram Bilac e Raimundo Correia, ao mesmo tempo que é um poeta das grandes angústias e das incontidas emoções, como só o foi Cruz e Sousa no Brasil".[39] As demais referências, como, por exemplo, as de Eugênio Gomes e Herman Lima, são tôdas no mesmo tom.

De Roberto Correia, diz Chiacchio que "era (...) da Bahia total, a cujo seio amplíssimo de cordialidade suprema, viveu do aconchego sòmente dispensado aos heróis do espírito sem jaça, com êsses diamantes que irrompem, por milagre, lapidados, já, pelas mãos de Deus".[40] Elogio de amigo, sabe-se, mas nem por isso menos verdadeiro. E, mais uma vez pelas palavras de Lafaiete Spínola, tem-se a exaltação de suas qualidades: "Um admirável moralista em verso. Roberto Correia, o consumado professor de vernáculo, o lírico inspiradíssimo e o empolgante épico das estrofes condoreiras, foi também um epigramista de bom quilate, (...)"[41] Muitos outros intelectuais assinalam, em comentário, o prestígio de Roberto Correia, contudo no seu caso, é de se referir a sua popularidade, decorrente não só de sua atuação no magistério, mas, e talvez principalmente, da divulgação de sua modinha, "Não posso mais, oh formosa", a qual, segundo Chiacchio, marcou época com música de Bento Luis.

Chiacchio, quanto ao prestígio, é um caso a parte. A sua projeção foi das mais significativas, mas por isso mesmo, como o observa Carvalho Filho, "morto em julho de 1947, a imágem do homem que êle foi, que jamais se esquivou, em defesa consciente das legítimas fontes de criação do seu espírito, das solicitações do quotidiano superficial, mesmo daquelas que a vida arma, são falsas aparências, para que nelas os homens se percam sem remissão (e foi nessas que êle quase se perdeu...) está ainda muito próxima dos seus amigos, dos seus despeitados e dos seus inimigos, para que possa ser refletida em sua autêntica vocação de escritor, sem os prejuízos inerentes a testemunhos impregnados de paixão pessoal".[42] De qualquer forma o prestígio de Chiacchio se manteve e ainda se mantém, transparecendo nos elogios que lhe tecem os seus admiradores, como Octacílio de Carvalho Lopes e Herman Lima, por exemplo, ou nos ataques que lhe endereçaram os seus adversários de polêmicas.

---

39) Lafaiete Spínola. **Op. cit.**, pág. 9.

40) Carlos Chiacchio. **Paginário**..., pág. 3.

41) Lafaiete Spínola. **Op. cit.**, pág. 9.

42) Carvalho Filho. Prefácio de Carlos Chiacchio, **Modernistas**...., pág. I.

BIBLIOGRAFIA

AMORA, Antônio Soares. **Teoria da Literatura,** São Paulo 1961.
Arco & Flexa. Bahia, 1929, ns. 4/5.

BARBOSA, Pe. Manoel de Aquino. "Resenha Histórica da Academia de Letras da Bahia", in **Revista da Academia de Letras da Bahia,** Salvador, Bahia, 1942, ano XIII, n. 16, vol. VIII, págs. 85 a 106.

CARVALHO FILHO, Aloysio. **Coletânea de Poetas Bahianos,** Rio, 1951.

CHIACCHIO Carlos. **A Margem duma Polêmica,** Paris, 1914.
Modernistas e Ultramodernistas, Salvador, Bahia, 1951.
Os Gryphos, Bahia, 1923.
Paginário de Roberto Correia, Bahia, 1945.

CORREIA, Roberto. José, Bahia, 1935.

DINIZ, Almachio. **A Cultura Literária da Bahia Contemporânea,** Bahia, 1911.

FRAGA, Clementino. "Discurso sôbre Xavier Marques na Academia Brasileira de Letras", in **Revista da Academia de Letras da Bahia** Salvador, Bahia, 1942, ano XIII, n. 16, volume VIII, págs. 143 a 157.

FROES, Heitor. "Conferência sôbre Xavier Marques na Academia de Letras da Bahia", in **Revista da Academia de Letras da Bahia,** Salvador, Bahia, 1942, ano XIII, n. 16, vol. VIII, págs. 159 a 200.

FROES, João Américo Garcez. "Academia de Letras da Bahia", in **Revista da Academia de Letras da Bahia,** Salvador, Bahia, 1942, ano XIII, n. 16. vol. VIII, págs. 107 a 123.

GOES Fernando **Panorama da Poesia Brasileira — O Simbolismo,** Rio, 1959.

GOMES, Eugênio. **Prata de Casa,** Rio de Janeiro, s. d.

LIMA, Herman. **Poeira do Tempo (memórias),** Rio de Janeiro, 1967.

LOPES, Octacílio de Carvalho. **Pethion de Vilar,** São Paulo, 1967.

MACHADO NETO, A. L.. **Estrutura Social da República das Letras, (Sociologia da Vida Intelectual Brasileira** — 1870/1930), Salvador, Bahia, 1970.
Notícia Histórica da Universidade da Bahia, Departamento Cultural da Reitoria, Universidade Federal da Bahia, 1967.

PASSOS, Alexandre. **Letras Bahianas,** Rio, 1941.

RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. **Poesia Simbolista,** São Paulo, 1965.

RIBEIRO, Carlos. "Discursos a Xavier Marques pelo seu octogégimo aniversário", in **Revista da Academia de Letras da Bahia,** Salvador, Bahia, 1942, ano XIII, n. 16, vol. VIII, págs. 124 a 127.
——— "Prelúdio de um Quartel de Século", in Idem, págs. 67 a 84

SALES, Artur de. **Poemas Regionais, Bahia, 1948.**
——— Poesias, Bahia, s. d.
——— **Sanguue Máo** Bahia, 1928.
——— tradução e prefácio de SHAKESPEARE, **Mácbeth,** Rio de Janeiro, 1948.

SPINOLA, Lafaiete. **Harpas e Farpas,** Bahia, 1943.

TATI, Miécio. **Jorge Amado (Vida e Obra),** Belo Horizonte, 1961.

VIANNA, Antônio. "A Nova Cruzada" in **Revista da Academia de Letras da Bahia;** Salvador, Bahia, 1942, ano XIII, n. 16, volume VIII, págs 45 a 50.